



RUMO

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

Propriedade da A. A. E.
(Secção Cultural)

N.º 40

AVULSO 2\$00

Editor:
ARQ.º JERÓNIMO REIS

Composto e Impresso na Tip. Progresso-Espinho

Director Interino: ANTÓNIO GAIO

ANO IV • 31 DE AGOSTO DE 1951

Jornada

Há longos anos, um grupo de homens bons lançava os alicerces do primeiro valor da Assistência Social em Espinho. O sonho e o coração criaram a Santa Casa da Misericórdia. Começara a jornada maravilhosa de bem fazer por amor dos homens e da terra.

A força do ideal, o trabalho generoso, transformaram a casita humilde num edifício grande que queria ser o Hospital de Espinho. O caminho percorrido vive números enormes e dedicações admiráveis. Para além das estatísticas e dos elogios está a presença eloquente de uma bela realidade. Mas o tempo e a ânsia do homem fizeram dessa realidade uma coisa pequena, uma semente prehe de promessas, à espera de mãos fortes e amigas e de um sol criador.

As mãos fortes trabalharam, e o sol animou as primeiras raízes. O Cortejo de Oferendas era o alicerce. Espinho viveu horas de entusiasmo e alegria, sonhando com o futuro Hospital da Santa Casa da Misericórdia. Diante a aspiração e a força do querer da terra, o Governo da Nação venceu bem a sua ajuda.

Seguiu-se uma pausa. O presente e o futuro não cansam de gritar, de exigir às pequenas raízes um esforço maior.

A saúde, a tranquilidade, o bem estar do povo, querem das primeiras pedras, as paredes do edifício sonhado, o ritmo que traga depressa a realização total.

A pausa parece findar. As mãos fortes agitam-se, de novo, e o sol há-de animar as côres dum segundo Cortejo de Oferendas.

A jornada maravilhosa, de princípio humilde, vai conhecer dias grandes.

Espinho inteiro, vai colaborar, oferecer o melhor.

Todos hão-de querer, num dia próximo, olhar com orgulho o Hospital de Espinho, e sentir, nas pedras mais pequenas, uma parcela do seu suor generoso. Todos hão-de desejar que os vindouros lembrem com amor aqueles que ergueram uma obra grandiosa, no cumprimento da mais bela manifestação humana. — Por bem fazer.

Espinho,

a Mudança das Linhas da C. P.

e o Pequeno Porto de Pesca

«RUMO», depois de fazer sentir a necessidade urgente dum movimento a favor das duas maiores aspirações de Espinho, vai tomar a iniciativa de convocar as forças vivas da terra para uma reunião.

Esperamos o melhor acolhimento. Uma representação do povo espinhense, junto do Governo, firmando uma posição digna, exige a colaboração e o entusiasmo de todos.

O momento impõe a acção imediata. O futuro depende dos homens de hoje. Marquemos a nossa Presença.

CONSIDERAÇÕES sobre o Cinema Português

Julião Quintinha, ilustre colaborador deste jornal, na página literária do «Janeiro», da última semana, publicou um judicioso artigo sobre o filme português, verberando o processo por que se tem realizado, que, no seu entender, assim como no nosso, falha pela ausência do sentido das proporções, imperando nele a aventura. Não há, neste juízo, o menor espírito derrotista, mas a tristeza de constatar, a penúria deste cinema, que tem remetido a nossa mentalidade a um ínfimo plano, apoucando-a. As nossas possibilidades intelectuais estão muito acima do que se tem realizado no cinema nacional, as quais não foram experimentadas, sequer, na escala que lhes corresponde, visto que ele tem andado pelas mãos de uns tantos indivíduos, mais ou menos habilidosos, mas sem consciência das responsabilidades, que não representam, de modo nenhum, o índice valorativo da nossa cultura — à mercê de especulações que falham redundantemente na prática, por tacahez, inferioridade, incompetência.

Em resumo, o filme nacional é coisa que não existe, à parte duas ou três tentativas sofríveis, que não passaram disso; do que há feito, nada representa as nossas possibilidades, nem mesmo nos casos em que se recorreu a temas históricos

ou actuais, tentando revelar o substracto do temperamento português. Para revelá-lo, através do cinema, assim como da literatura e da arte, só os intelectuais poderão fazê-lo, que isso demanda investigação, estudo e muita agilidade de espírito — cultura — atributos que o simples estro aventureiro não supre e que os vulgares realizadores dos nossos filmes não possuem. O cinema, na sua estrutura de ficção, só atinge o esplendor do verdadeiro quando o seu realizador ou realizadores são intelectuais; envolvem-no tantos elementos de cultura genérica, que só a compleição do homem de letras e artista está à altura de realizá-lo.

Verbera, Julião Quintinha, contra o facto do homem de letras não ser chamado para a realização do filme entre nós, de não o ouvirem, sequer, quando se trata de remeter à tela as suas produções literárias, ou de solicitarem a sua interferência autorizada sobre a interpretação de autores que já não vivem. Assim acontece, deploravelmente. Os aventureiros pululam em todas as actividades da vida material e espiritual; e, entre os mais ignorantes, encontram-se os mais audazes. Nesta luta descarada pela vida, é muito mais difícil vencê-los, do que impôr à consciência pública o que é decente e sério. Eliminá-los não é possível; no cinema, muito menos, que isso

Continua na pág. 4

MARÉS VIVAS

REPORTAGEM APRESSADA O FRACASSO DE «CAPITAINE FRACASSE»

Já todos sabemos que as reportagens dedicadas pelos grandes jornais aos centros de maior destaque da Província servem unicamente fins publicitários. Subordinada a missão do jornalista a princípios económicos, verifica-se que a quase totalidade da reportagem é preenchida com anúncios, restando um «pouco» para se falar, consoante um disco já velho, das belezas da terra, dos seus homens mais importantes e das suas grandes aspirações. Ora, se o jornalista é honesto, se não dispõe de recursos mirabolantes de aldrabão, rabisca meia dúzia de linhas e, não dizendo nada, não fere, nem prejudica.

Mas quase sempre dá-se o contrário. Na ânsia de mostrar mundos e fundos, o jornalista viajante mete os pés pelas mãos, troca tudo, e, no fim, consegue provocar o riso ou a irritação.

Da Capital, veio até Espinho um enviado do Diário Popular. Fez-se a reportagem. E, como o homenzinho teve a infelicidade de arranjar poucos anúncios, sobrou maior espaço para o «miolo» literário. Deu-se o desastre. Com a preocupação de dizer mais do que o «nada» habitual, safu grossa asneira em prejuízo dos interesses da nossa terra.

Dizer, com fortes caracteres,

Continua na pág. 7

PELO DESPORTO

UM TORNEIO

Resolveu a Associação Académica de Espinho, no sentido de manter em actividade os seus atletas bem como os dos restantes clubes, fazer disputar, mais uma vez, o Torneio da Costa Verde de Oquei em Patins. Esperava-se que a quase totalidade dos componentes da I Divisão nortenha se inscrevessem nesta prova que lhes permitia fornecer aos seus atletas mais do que os corriqueiros treinos nos seus recintos, fazendo-os contactar com outras equipas.

Todavia o panorama é absolutamente diverso. Sòmente três clubes responderam ao convite:—Infante de Sagres, Paço de Rei e Sanjoanense. Enquanto os dois primeiros pediam a sua inscrição na prova, o último alegava impossibilidade, dadas as deslocações onerosas. Os restantes clubes da I Divisão, bem como a Educação Física, que também fora convidada, remeteram-se ao silêncio não explicando sequer quais as razões da sua ausência.

Moral do caso? A modalidade continua doente. Os clubes, por este e aquele motivo, limitam-se às provas oficiais, numa indiferença pelo desenvolvimento do oquei em patins que revolta. Nem o simples espirito de camaradagem os leva a colaborar com as colectividades que se dedicam à patinagem. Trabalho, esforço, dedicação, actividade, são palavras ausentes do vocabulário dos dirigentes. A preparação dos atletas não interessa senão durante os campeonatos associativos ou federativos. Acabados eles, o melhor é parar, iniciar o defeso quanto mais cedo melhor. Nem, e queremos referir-nos ao Académico, interessa a preparação para o Nacional, prova dura em que há que defrontar o que de melhor existe no oquei patinado português. Mais do que a necessidade de contacto com o jogo, são importantes as questões com os clubes, as recriminações à Associação, os melindres com os senhores árbitros.

O oquei nortenho sofre, de há muito tempo, de grave crise e situa-se em plano modestíssimo em relação ao do sul. Alguns resultados esporádicos fazem ilusoriamente supor que tal não é verdade. A culpa disso cabe inteiramente aos clubes, apáticos, alheios, indiferentes.

P. M.

FUTEBOL TÊNIS

Vai iniciar-se a época futebolística de 1951-52 com a disputa dos campeonatos regionais. O Sporting de Espinho, contando com todos os jogadores que o representaram na época anterior e ainda com Cadete, vindo do Elvas, é um dos mais sérios candidatos ao título de campeão de Aveiro. Não lhe escasseiam elementos de valor suficiente para bem colocar o clube. Quanto a nós a grande falha da equipa, presentemente, verifica-se no sector médio, bastante enfraquecido após a retirada de Vivas. É certo que Cadete vem preencher um lugar da linha média mas o seu valor é quase uma incógnita. Será o suficiente para dar a ligação indispensável entre os sectores defensivo e atacante? O tempo o dirá. A defesa e o ataque poderão talvez ressentir-se, a princípio, da inactividade do defeso, mas, ao fim de uns três ou quatro jogos reencontrarão o seu ritmo normal.

Mais uma vez Alexandre Reis, carola entusiástico do Sporting, está a preparar a equipa. Saiba a massa associativa compreender o sacrifício que para ele representa o tomar conta de tão ingrato encargo, incutindo-lhe ânimo e não o desmoralizando com criticas insidiosas.

Nos dias 17, 18 e 19 e em 26 e 27 os «courts» do Parque de João de Deus foram animados com dois torneios organizados pelo nosso clube: as taças «Clipper» e as taças «Cinquentenário». Ambos disputados em singulares e pares, reuniram cerca de uma vintena de jogadores. O primeiro torneio, que bem poderá vir a repetir-se nos anos futuros, foi vencido, em singulares, por Alberto Vita, e em pares-mistos por Pedro Viterbo e esposa.

A «Taça Cinquentenário», na sua terceira edição, decidiu-se a favor do Dr. Oliveira Pinto, em singulares, que, por ser o vencedor em dois anos consecutivos, arrebatou definitivamente o trofeu em disputa. Em pares-homens, os vencedores de 1950, Dr. F. Prata de Lima-Alberto Peixoto, deixaram-se bater pelo par Dr. Oliveira Pinto-Oliveira Lima pelo que, em 1952, voltaremos a ter esta prova.

Mais uma vez, neste torneio, os tenistas espinhenses tiveram papel modestíssimo, a que não é alheio o facto de, devido a diversos factores, entre os quais avulta a dificuldade em frequentar os «courts» do Parque, mercê do exagerado das taxas que ali se cobram, pouco ou nenhum contacto manterem com a raquete. A As-

O QUEI EM PATINS

A má classificação obtida pelo nosso cinco principal tem dado aso a que se assista por vezes a discussões, quase sempre estereis entre os amigos do oquei e os amigos... da onça. Estes últimos, que os há em grande número na nossa terra, pretendem fazer crer que os oquistas espinhenses, actuais componentes dos grupos de seniores, não possuem aquele mínimo de qualidades essenciais a um bom praticante da modalidade. Ora isto não passa duma opinião sem fundamento, absolutamente ridícula, própria de «técnicos das cadeiras do barbeiro». Que assim é, não podem restar dúvidas! No entanto, para que não nos acusem de ser um simples teórico, daqui declaramos que à semelhança do que aconteceu já com esse grupo apresentado ao público de Espinho no final do ano de 1949 e que é hoje um conjunto afinado que dá gosto ver jogar, estamos dispostos a tomar a inteira responsabilidade da preparação técnica dos nossos seniores desde que nos sejam concedidos plenos poderes pelo respectivo Chefe de Secção.

Mas tal não será necessário felizmente, pois o actual responsável tem conhecimentos bastantes para erguer de novo o nosso cinco principal ao plano que atingiu em épocas anteriores. Assim os jogadores cumpram o seu dever e não se impressionem com os ditos menos felizes de quem os rodeia.

Tenhamos confiança na insosfismável classe dum António Gato—o melhor guarda-redes nortenho—no valor já demonstrado pelo Fernando Carvalhas no posto de defesa, na habilidade natural dum Barros e dum Oliveira, na vontade de acertar dum Brandão, dum Clareano ou dum Higino, este último um elemento que gostaríamos de ver treinar noutra lugar que não no de defesa. Se assim procedermos e houver da parte dos atletas um querer bastante forte, estará dado o primeiro e decisivo passo para a reconquista da posição ora perdida.

Virgílio

Natação HIPISMO

A Piscina Solário Atlântico foi o recinto onde se disputaram, nos dias 25 e 26, os Campeonatos Nacionais de Natação. O público, tal como no Concurso Hípico, esteve ausente, deixando os lugares que lhe eram reservados tristemente vazios.

Dominou abertamente, como se esperava, o Algés e Dafundo, colectividade que bem merece o reconhecimento de todos pelo esforço dedicado que tem dispendido em favor desta bellissima modalidade.

Anote-se o desgosto que nos causa ver os rapazes de Espinho, com uma tão boa piscina à sua disposição, ausentes das competições natatórias, por desinteresse, por apatia dos seus clubes, por preguiça própria.

A Associação Académica é o único clube espinhense que possui uma secção de ténis devidamente organizada mas, se não lhe proporcionarem o apoio necessário, não

CAMPEONATO DE PRINCIPIANTES

Académica 4

Sanjoanense

Jogo no nosso Rink com o resultado certo. Exibição frouxa dos nossos rapazes. Alinharamos com: Tono, Macedo, Miro, Lito (2), Godinho e Moreira.

Carvalhos 0

Académico

O resultado não traduz o domínio incontestante que o nosso cinco manteve durante todo o encontro, premiando contudo a impecável exibição do guarda-redes galego.

Miro e Godinho foram os marcedores do nosso grupo que alinharam com a composição do desafio anterior.

Académica 5

Académico

Académica 5

Sport C. Porto

Nestes dois desafios o nosso cinco limitou-se a marcar os pontos regulamentares por falta de comparência dos adversários.

E. Vigorosa 5

Académico

Como sempre que defronta este adversário o nosso cinco inferiorizou-se demasiado e consentiu que o score se desnivelasse mais por culpa própria do que por força do bom jogo do Estrela.

Tono, Macedo, Miro, Lito, Godinho e Vicente constituíram o cinco espinhense, tendo sido Lito o marcador do goal de honra.

Infante 2

Académico

Os nossos rapazes que voltaram a actuar muito abaixo das suas possibilidades, não conseguiram melhor que um empate no Rink das Condominhas.

Miro e Vicente marcaram os nossos goals alinhando o nosso cinco com os seguintes elementos: Tono, Moreira, Lito, Godinho e Vicente.

Com este desafio terminou a primeira volta do Campeonato, estando o nosso conjunto com 15 pontos, atrás do Vigorosa e Sanjoanense, ambos com 16 pontos, e seguidos pelo Infante, 13, Carvalhos com 10 e Académico e Sport com 0 pontos.

Recebendo todos os adversários no nosso Rink, excepto o Sanjoanense, estão os nossos rapazes dentro da corrida para o título, neste momento em que se vai dar início à segunda volta.

JOGOS PARTICULARES

Académica 11

Paredes 0

Miro e Lito foram os principais obreiros duma vitória que reflete o bom jogo produzido pelos académicos.

Alinharam: Tono, Macedo, (1) Miro (4), Lito (6), Godinho e Vicente.

Académica 3

Infante 0

Após um desafio jogado com muito ardor, o cinco espinhense conseguiu uma boa vitória sobre um adversário valoroso, tendo sido autores dos goals Vicente (2) e Miro.

A nossa equipa alinhou com: Tono, Moreira, Miro, Lito, Vicente e Alceu.

Em 18, 19, 21 e 22, Espinho, mercê da sua Comissão de Festas, teve o seu II Grande Concurso Hípico, mas, a julgar pela pouca assistência que ocorreu à Pedreira, não se deu pelo acontecimento. Não obstante a presença da quase totalidade dos melhores cavaleiros nacionais, o público primou pela ausência desanimando aqueles que deram o seu esforço para dar a Espinho uma magnífica diversão e um espectáculo de categoria.

A juntar ao desinteresse do público há ao que consta, um prejuízo financeiro apreciável pelo que não é difícil concluir que não cedo não voltaremos a ter provas como estas só possíveis em estâncias turísticas de categoria.

poderá, além da organização de uns poucos torneios, fazer qualquer coisa de palpável pelo desenvolvimento dos seus tenistas, o que torna a sua actividade quase nula.

Artes Plásticas

Exposição de aguarelas do pintor Neves e Sousa

Numa das salas do grande bazar de moveis artisticos de Alberto de Souza Reis & C.ª, na rua 19, o pintor Neves e Sousa — um moço de talento criador de quem há muito a esperar — expõe tres dezenas de trabalhos em aguarela que marcam como alguma coisa de novo neste género entre nós, quer na técnica, quer na bisarria dos coloridos.

A sala, que não só é acanhada como também bastante pobre de luz natural, rouba aos trabalhos expostos uma grande parcela do efeito que teriam em ambiente mais adequado. Todavia a exiguidade do espaço dilata-se perante a exuberância das obras expostas, e as sombras diluem-se perante a luminosidade das manhas africanas, das fogueiras e das queimadas, dos reflexos das lagoas, dos nevoeiros e cacimbas que o artista buscou para motivo dos seus quadros.

Neves e Sousa — um novo que se coloca ousadamente e com muito equilibrio entre os clássicos e os modernistas, sem, contudo, ser modernista nem clássico — parece realizar sem esforço as coisas bonitas que expõe, mercê duma rara sensibilidade receptiva que o transporta para um honroso plano na galeria dos artistas plásticos da nossa época.

Afigura-se-nos, pelo que conhecemos da sua já vasta obra — e muito especialmente na pintura a oleo onde há estontantes vãos de mestre — que Neves e Sousa anda, ainda, a procurar-se a si mesmo, mas que rumo definitivamente, e seguramente, para uma grimpada de personalidade artística, cuja maturação já se adivinha, de onde em quando, em vários dos seus trabalhos que os mestres assinarham sem relutâncias.

E dito isto, muito sinceramente e sem escusadas louvainhas, temos que dizer também, muito sinceramente, que a exposição de aguarelas de Neves e Sousa aproveita a quem a vê, desde que se possua uma pequenina parcela de bom gosto para a saber e poder apreciar.

Apesar da modéstia com que está instalada, sem reclames pomposos, sem parangonas compradas a tanto a linha nos jornais de grandes tiragens, esta humilde exposição de aguarela de Neves e Sousa, ao fim e ao cabo, é uma exposição que nos mostra estar ali presente, naquelas lagoas, naquelas cacimbas, naquelas queimadas assistidas a distância pelos Jacarandás floridos, a garra dum artista de pujante e real valor.

Carlos de Moraes



FABRICA MODERNA DE CARPINTARIA E MARCENARIA

- DE -

José Augusto da S. Quintas

Telefone 59 ESPINHO

Os haveres da Académica estão seguros na



Delegação no Porto: R. RODRIGUES SAMPAIO, 169-2º

da direcção da Associação Académica ..

.. a festa de homenagem a Abel Santiago está marcada para muito breve ..

CORRESPONDENDO AOS ANSEIOS DE MILHARES E MILHARES DE MARIDOS, CANSADOS E DESILUDIDOS, QUE NOS ESCREVERAM MANIFESTANDO SUA ADESAO PELO NOSSO ULTIMO ARTIGO, E DANDO-NOS AO MESMO TEMPO, O SEU INCONDICIONAL APOIO ERSATZ, DISSERTA HOJE, SOBRE:

Amor & Matrimónio

De modo que, sendo o matrimónio e o amor tão intimamente ligados — chega a haver casos de casamentos por amor (!!!) — não podíamos, evidentemente, ter falado do primeiro, sem implicitamente ter corrido o risco de falar no segundo. Assim, começaremos por dizer que, amar, é realmente uma arte, cada dia mais complexa e que, infelizmente, por isso mesmo, vai gradualmente perdendo o seu conteúdo e a sua grandeza de arte pura.

Logo não será exagero do meu lado, quando digo que, aparte certos tipos isolados que só servem para atrapalhar, existem, efectivamente, três tipos reais de amantes: os que amam de verdade, os que pensam amar e os que sómente fingem. Dos primeiros, quase não valeria a pena falar, porque sendo os mais sinceros, são também os mais imbecis — e os mais raros, acrescento ainda. São eles os únicos capazes de vos levar ao altar — falo para vós, senhorita — o que os torna mais dignos. Dignos de compaixão, esclareço. Bem mais perigosos são os outros dois tipos, sobretudo o último, capaz de uma insidia sentimental constante e de uma penetração, quase sempre perigosa (é o caso daquele jóvém, louro e de boa aparência, mas pobre, que se apaixonou por uma velha, feia e enrugada, mas rica): Quando ao segundo tipo, ele é, realmente, aquele aspecto — perdoe-se-me a metáfora — do cão que ladra mas não morde». Aconselho-vos, porém — continuo falando para vós, senhora — a não facilitar demais... Ou correreis o risco de ver desmentida a comparação.

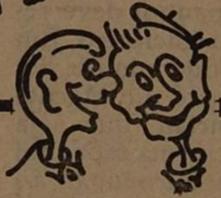
Portanto, não podendo aconselhar-vos nenhum dos três tipos indicados, acho que, se pensarmos juntos, talvez consigamos encontrar um quarto tipo, mais compatível com a vossa dignidade, senhora. E, se assim não suceder, podeis amar-me a mim próprio — garanto que não me importo — pois tenho certeza que

nem me caso, nem sou cão, nem morde. Devo, talvez, constituir, aquilo que se chama um tipo «sui generis». Podem, mesmo, deixar de fazer essa cara de espanto, queridos leitores, que eu, pelo facto de ser contra o casamento, não sou, de modo algum, alérgico às mulheres. Aliás, minha aversão ao matrimónio redimiu-se um pouco depois que fui apresentado a determinada viúva, que, por jóvém e bela, despertou em mim reacções que não teem nada — juro! — de alérgicas.

Começo até a achar certas vantagens no matrimónio, quando em certos casos de alguma coisa. Deus meu!... Sinto-me tão só...

Não sou homem, porém, que confunda as coisas — e a viúva também não, infelizmente, de modo que, tendo-me trocado por um rico industrial, com todas as características para torná-lo antipático (33 anos, 1,80 de altura, boa aparência, alegria de viver e 500 contos na carteira), sugeri-me ainda a maneira de tentar evitar um pouco a onda de matrimónios que vai pelo mundo. Assim, acho que certas senhoras, reconhecidamente lindas, deviam deixar de aparecer em público acompanhadas dos respectivos maridos, pois além dos prejuizos supra-indicados poderão causar ainda colapsos, sincopes. E' o que, fatalmente, sucederá àqueles que, não tendo minha tenacidade e sangue-frio, se sentirão impotentes para suportar as arremetidas dessas sereias. E' para eles que vão minhas últimas palavras: quando estiverem com uma jóvém e sentirem, de repente, imaginação fértil, olhar brilhante e riso particularmente imbecil — cuidado, muito cuidado — isso é o fio da navalha, e a partir de então, correis o risco de vos deixar apaixonar. Sucederá, então, o que sempre sucede: sucede que, querendo vós mais do que realmente deveis querer, a mulher negará. E isso é o diabo...

TALVEZ SEJA VERDADE QUE!!!



... a nova disposição em meia lua, das barracas da nossa praia, veio dar uma nota de bom gosto...

o «pavilhão» do banheiro n.º 8 — Americano, dignifica o proprietário e o autor do projecto e constitue um bom exemplo a seguir...

... a equipa de locutores da Cabine Sonora anda atrapalhada com o problema da escolha, numa discoteca tão... «variada»...

o letreiro afixado na Cabine Sonora está mesmo a pedir «misericórdia»...

... as «dedicatórias» de discos às meninas X ou Y, são uma

exploração económica. Resultados práticos: assistência pouco numerosa, repercussão turística de interesse reduzido e déficit.

Há uma lição a tirar. Está provado que os Concursos Hípicos, no Norte, não merecem a atenção do grande público. Assim, a querer continuar com o Concurso, nos anos futuros, limite-se a verba a dispender e gaste-se o dinheiro noutras festas com maiores condições de êxito.

A experiência aponta-nos o melhor caminho. Escolher o pior será desperdiçar tempo e dinheiro.

tremenda manifestação de pirismo...

... o letreiro apagado do «Palácio Hotel» continua a desafiar a curiosidade...

... a «passarelle», mostruário de lixo e porcaria, é bem um indice...

... as «indicações turísticas», sugeridas na «ronda», caíram no esquecimento...

... o bom turismo não depende somente de muito dinheiro...

... o Concurso Hípico teve muitos cavalos e muito pouca gente...

... continuamos a ser infelizes com a exploração da nossa Praça de Touros...

... o povo de Espinho anda desorientado com tantas «comissões» a baterem à porta...

... o que é demais é moléstia...

... a equipa de voleibol da Académica, mesmo com aviadores e tudo, «capotou» na fase final do campeonato...

... no Sporting de Espinho, ainda não se sentiu grandemente a influência de um director «famoso»...

... os ares de verão perturbam muito o ritmo dos trabalhos

RONDA

1 Estamos quase à porta das Festas da N. S.ª da Ajuda. Mais uma vez vai sair para as ruas uma Comissão que terá de suportar uma via bem dolorosa. Desde as faltas sucessivas da maioria dos elementos escolhidos para a tarefa ingrata do peditório, até à missão extenuante de ouvir desculpas de toda a ordem e de aturar indivíduos de toda a qualidade, tudo se junta para maior tormento daqueles bem intencionados que parece terem caído numa esparrela.

Por mais forte que seja o baurrismo, há momentos em que o pessimismo vence, criando a desilusão. E é bem amargo sentir-nos incompreendidos quando se trabalha para um bem comum.

As dificuldades e arrelias habituais têm provocado a deserção de muitos elementos que amam o bom nome da sua terra.

Esse bom nome não pode esquecer o possível brilhantismo das tradicionais Festas d' Ajuda. Mas os últimos anos demonstram nitidamente uma decadência que se acentua cada vez mais.

Essa decadência nasce do desânimo que tem vencido muitos. Não podemos censurar aquele desânimo. Já conhecemos o officio e, de certo limite para diante, é quase impossível lutar contra a ganância, a estupidez e a incompreensão.

Se é que se quer defender uma tradição bem aceitável, torna-se necessário tomar novas medidas, mudar de sistema.

E afinal, numa análise justa, sem descurar a faceta económica, não há o direito de sacrificar meia dúzia de homens que, quase sempre, nada lucram com as festas.

A Câmara, a Comissão de Turismo e, principalmente, o Grémio do Comércio, podem resolver o problema da melhor maneira.

Acabemos com as Comissões, de porta em porta, no papel de pedintes, e afastemos o perigo de ver cair no ridículo uma festa tão querida do povo.

2 Novamente, um pequeno por menor.

Nos passeios desta vila, e mormente, na proximidade das casas de frutas é extraordinária a quantidade de cascas de banana, na oferta constante de uma queda que poderá ter consequências bem graves.

Mas o mais extraordinário, é a acção nula de elementos responsáveis que passam, assistem e... seguem indiferentes.

Se calhar, espera-se um desastre de grande repercussão, para se tomarem as medidas necessárias.

3 Integrado nas Festas de Verão, realizou-se o Concurso Hípico. Muitos concorrentes de categoria e prémios muito valiosos. A organização, boa na parte técnica, mas deficiente quanto à

CONSIDERAÇÕES

SOBRE O

CINEMA PORTUGUÊS

Continuado da pág. 1

presta-se admiravelmente a todas as aventuras, não só na tela... A não ser que se dê entre nós uma reacção como a que está passando pela Espanha, no seio dos seus intelectuais, o cinema português continuará a ser objecto de explorações aventureiras — anti-nacionais. Vejamos o que se passa.

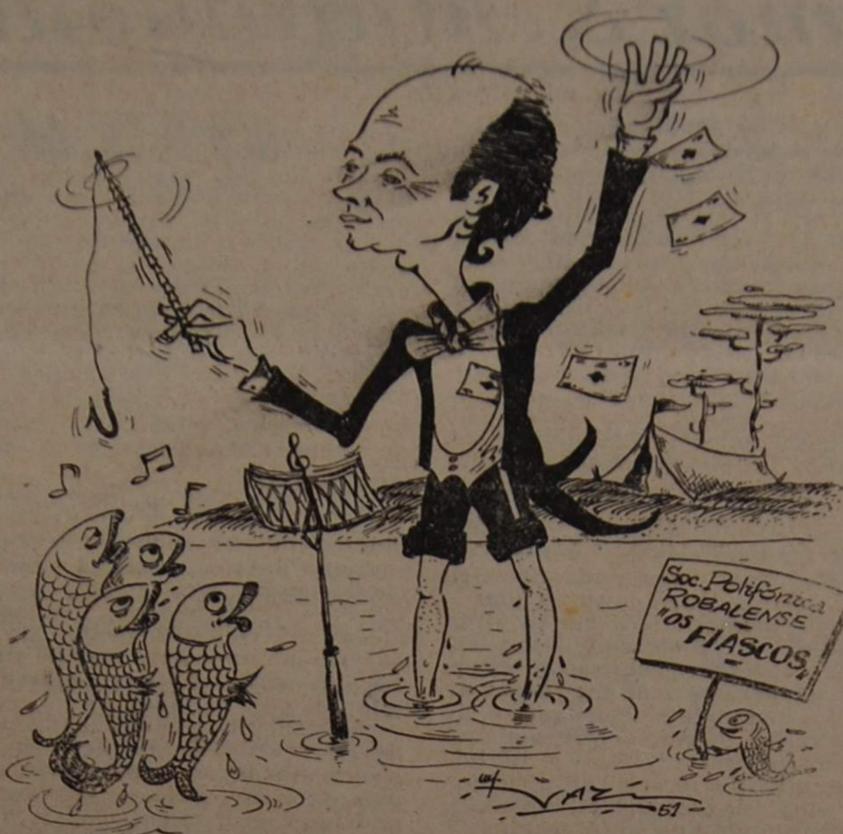
A propósito da lisonjeira classificação de um filme espanhol, no último Festival de Cannes, o «Correio Literário» solicitou a opinião das entidades mais reputadas sobre cinema, dando largas a um inquérito cujos resultados correspondem, em grande parte, às considerações de Julião Quintinha corroboradas por nós, acerca do cinema português. O que é deveras notável, na reacção dos intelectuais espanhóis, é o facto de não se sentirem vitoriosos com a boa classificação do seu filme naquele Festival, mas, pelo contrário, terem atacado vigorosamente a inferioridade do filme classificado, considerando-o vexatório como representativo da personalidade espanhola. Esta desassomburada coragem, marca surpreendentemente a reacção a que nos referimos. Não deixaram adormecer os seus sentimentos nacionais com uma classificação, que, na sua consciência, apenas os vexava. Mas vejamos alguns depoimentos deste inquérito importante.

O referido jornal abre-o com o seguinte título: «Espanholada, sim — Espanholada, não». Esclarece em seguida: «Depois do Festival de Cannes, em que a Espanha, «pour le tourisme», obteve um impressionante «succes», ressuscitou sobre o nosso meio cinematográfico a velha polémica acerca das orientações a seguir no futuro imediato: espanholadas para exportação? — cinema espanhol autêntico? Precisamente, na distância entre «espanhol» e «espanholada» está a essência do problema que suscitou o nosso inquérito».

De um depoimento, colhemos o seguinte passo: «Espanha «triunfou» em Cannes graças ao folclore. O mundo pede cinema folclórico. A verdade está dentro de nós, e nós mesmos somos uma verdade que não pode estar oculta. Somos uma verdade fundamental e somos muitas verdades pequenas, elementares, nas quais não há aparência transcendente, mas que são igualmente nossas. Se entre essas verdades menos importantes estão as nossas festas, ainda que não sejam «flamencas», e está a vibração de dias de sol e copos de «manzanilla», não desdenhamos a pintura ambiental. Mas daí ao folclore pelo folclore, vai um abismo; e outro abismo, desse folclore ao carácter espanhol. Queremos para o nosso cinema, em primeiro lugar, altura de vistas. E o sentido das responsabilidades em quem o realiza. O resto virá depois com fluência».

Diz-se, noutro depoimento: «O cinema folclórico, ou «espanholada», como se entende para aí, são coisas que repugnam, se por espanhola se entende a navalha nalguma e a

Galeria de Figurões



Adora o mar, p'ra amaciar os calos...
E adora o campo para ter ar puro!
Apesar de verde ainda, é já maduro,
—Um grande madurão de três estalos!

Leva a vida, plena de regalos,
Quer de batuta em punho, e de ar seguro,
Quer de cana e de anzol, buscando furo
Para pescar tainhas e robalos!...

E como se isto tudo não bastara,
Tem um geitão medonho, uma arte rara,
Quando a jogar as cartas se recreia!

E além de tudo, o melro inda possui
Um cérebro que pensa, e que evolue,
E que detesta a hipocrisia que o rodeia!

Zé Pacato

«guitaneria», invadindo tudo de «flamenquismo», para acentuar o ambiente. O cinema espanhol deve repudiar em absoluto o folclórico. Em todo o caso, se se pode admitir um folclore que chegue até um Machado ou um Valle Inclán, que seja isso—nada mais. O cinema espanhol deve ser fiel, em primeiro lugar, ao espanhol; e isto é muito mais sério e mais importante do que uns sapatoados com acompanhamento de guitarras. O cinema espanhol—goste ou não goste Cannes—deverá recolher as notas vibrantes do nosso temperamento, a sensibilidade dos nossos costumes, enquadrando-as em relatos humanos de outros e destes tempos, mas em todo o caso marcados com o selo do nosso temperamento e da nossa tradição popular».

Estes e alguns outros depoimentos, assinados por críticos de reputação — homens de letras, que medem a importância de um cinema nacional, impondo respeito pela personalidade do seu povo—tendem a acabar com especulações pírias, que, longe de revelarem o genuíno carácter espanhol, nas suas grandezas e defeitos, o conspurcam e denegam. Tais depoimentos marcam a interferência dos intelectuais no caso do cinema, em que a sua opinião é ouvida e respeitada, muito embora não consiga banir totalmente os aventureiros, os «topa a tudo», assim como esses que levaram um péssimo filme ao Festival de Cannes, arremedo inferior da coisa espanhola, perante o qual o estrangeiro ignorante se deleitou. O que é edificante, é o facto duma grande corrente de pessoas cultas e

de bom senso, ter censurado esse filme, não se deixando ludibriar com o êxito e com a opinião desautorizada de Cannes.

Esta reacção dos intelectuais espanhóis está na mesma ordem de ideias do artigo de Julião Quintinha, a que nos referimos. Enquanto aos nossos filmes não for prestado o contributo directo e responsável dos nossos homens de letras, eles continuarão sendo a mesma coisa que teem sido: uma inferioridade que nos apouca, em mãos de aventureiros, mais ou menos habilidosos, cuja mentalidade e cultura não estão ao nível destas empresas, nem, muito menos, tratando-se do filme português.

Na nossa literatura histórica e de ficção, desde os mais remotos cronistas e poetas até aos homens de letras actuais, há um repositório inexgotável de argumentos para filmes. O caso é que a extracção destes seja entregue a homens de letras, entidades de reconhecido merecimento; e que estas sejam ouvidas na realização formal dos filmes. Só assim, em nosso parecer, será possível encontrar o rumo do cinema português.

E já vai sendo tempo de encontrá-lo, banindo as aventuras que persistem nas realizações do nosso filme. Como experiência, bastam as «bacocadas» que temos presenciado, desde há três ou quatro décadas, no mesmo pé das «americanadas», que tanto têm abastardado o espírito do nosso povo.

(Do «Notícias», de Lourenço Marques)

Felisberto Ferrelinha



«RUA PROIBIDA» e as voltas de Negulesco

O nome de Jean Negulesco começou a notar-se, creio, quando dirigiu «A Máscara de Dimitrios», um filme policial. Depois veio «Humoresque» (não me recordo do título em português) que não vi, mas onde dizem haver bons bocados de cinema.

Conheci Negulesco em «Belinda» e gostei. Não que o filme tivesse alguma coisa de extraordinário, mas tratava-se duma boa história muito bem contada a acrescentar à interpretação extraordinária de Jane Wyman. Foi «Belinda» que me levou a «Rua Proibida», há pouco estreado. Lá estava o nome de Jean Negulesco e, vamos lá, Dana Andrews. E' certo que havia Maureen O' Hara (criatura que fica muitíssimo bem em Technicolor nos filmes de piratas), mas é sabido que uma actriz mediocre pode salvar-se nas mãos dum bom director.

Fui, pois, a «Rua Proibida» com grandes esperanças... e saí com as esperanças perdidas.

O filme começa por nos contar uma história sem o mínimo interesse, já glosada em todos os tons, e com uma coincidênciazinha para variar. A heroína é Maureen O' Hara, numa interpretação mediocríssima. Ela é uma menina de «boa gente» que aprende desenho sem mostrar vislumbres de geito. No início do filme mostra-se-nos voluntariosa, decidida — e até se espera alguma coisa. Mais tarde apaixonou-se pelo seu professor de desenho e casa-se — apesar da experiência do professor (Dana Andrews) e da oposição da família? O professor (construtor incompreendido de marionettes e pintor sem talento) dá em bêbado, à melhor maneira romântica. Morre duma queda, e aqui entra em cena uma convencionalíssima bruxa, parece que no fundo boa criatura, que comparada do argumentista tenta dar um novo rumo à história. Sai de cena com dois tabefes dum advogado falido (de novo Dana Andrews), também bêbado, extraordinariamente parecido com o outro (só que não tem barbas) e que se regenerou. A fita vai-se arrastando, penosa, e acaba por um quadro de comédia.

Há de tudo: um romance de amor infeliz, um dramazinho de chantage (que parece não era tão grave assim) e um romance de amor feliz — isto em fases sucessivas ligadas por Maureen O' Hara, bonita e má artista.

O Dana Andrews anda por ali às cambalhotas, e a bruxa («Porca» de sua graça) também. Tudo anda às cambalhotas: a história, os artistas e o director. E a queda deste último não foi pequena.

Talvez seja este o aspecto mais aproveitável do filme: Porque

Continua na pág. 2

FRISOS CAMILIANOS

Nunca mais — duas palavras malditas que encerram todo o fel das amarguras humanas...
Carloeta Angela, pág. 201

Cento e cinquenta mil cruzados, há cinquenta anos, constituíam o que hoje se diz em português pouco limpo: uma grande fortuna — fortuna que nunca tiveram os que muito se dão a esmerilhar imperfeições da língua, porque roubam o tempo a ocupações mais lucrativas e úteis à humanidade...
As três irmãs, pág. 131

Como nasce o amor?... Apenas sabemos como ele morre...
O retrato de Ricardina, pág. 24

A ciência é um grandíssimo mundo povoado de espirituais amigos; os seus livros encerram, cada um, sua alma, que fala como amigo...
O bem e o mal, pág. 18

A velhice do celibatário deve ser triste como a solidão para o moço de vinte anos...
Vingança, pág. 103

O crime, por mais que se escondida, tem lume de inferno que fumeja sempre...
A engeitada, pág. 86

E' então o cavalo que prova a civilização do homem? Bom é que assim seja para que o homem possa dar cavalo por si...
Coisas espantosas, pág. 131

A constância da mulher degenera em tédio; e o tédio é o cancro que rói as frágeis ligações do coração com a felicidade. A variedade remoja a alma, repovoando-a de imagens novas. Isto é tão antigo, que eu não sei onde Ovídio e Horácio o acharam...
A caveira da mártir, pág. 277

A ciência há-de andar sempre às aranhas nos mistérios do coração relacionados com o funcionamento do estômago...
Estrélas funestas, pág. 19

Em cada mulher há quatro mulheres incompreensíveis, pensando alternadamente como se não-de desmentir umas às outras. Isto é o mais seguro; mas não é infalível...
Amor de perdição, pág. 27

E' gracioso condão das mulheres, tanto na mocidade como em anos graves, quando o verdadeiro amor as alvoroça, alindam-se e remojam-se com umas denguiças, que seriam sempre adoráveis, se não fôssem, uma vez por outra, ridículas...
O santo da montanha, pág. 72

Faz pena ver a despótica ingerência que tem a comédia nos

Continua na pág. 7



Maltrapilhos...

Inaugurou-se recentemente, em cumprimento de obrigação imposta por lei à Empresa que explora a indústria de jogo na nossa terra, o Cine-Teatro do Casino. Como é muito natural, pois que se trata de mais um melhoramento, a «Defesa de Espinho» dedicou-lhe uma notícia mais ou menos extensa. Nada há nisto de anormal, e não faríamos qualquer reparo, não fôra a afirmação que vamos transcrever: «O Cine-Teatro do Casino tem apenas duas espécies de lugares — plateia e balcão. Disso resulta a ausência completa de indivíduos de baixa condição social e maltrapilhos (o sublinhado é nosso), que costumam ocupar os lugares inferiores dos teatros e cinemas sobretudo a geral, de onde partem dichotes atrevidos que ferem por vezes os ouvidos do espectador educado.»

Porque «Rumo» não tem, nem deseja, borla para qualquer dos nossos cinemas, sentimo-nos plenamente à vontade para fazer algumas observações ao que transcrevemos.

Não compreendemos muito bem o que signifique a necessidade de ausência de indivíduos de baixa condição social numa casa cujos frequentadores mais assíduos, na sala de jogo, dancing e bares, não primam pela honestidade, pela correcção moral, pela pudicícia, enfim por qualquer daqueles atributos exigidos para uma alta classificação na escala social. Mais valor, indubitavelmente, têm-no os tais maltrapilhos da geral, os dos dichotes atrevidos, que, não obstante a pouca elevação das suas frases, apresentam, pelo suor generoso dispendido nas horas de trabalho honrado, uma elegância de procedimento que os coloca muito acima de qualquer «borboleta» ou «batoteiro». Preferimos às sedas, às meias «nylon», aos fatos de boa fazenda e corte impecável, ao envernizado das unhas, ao odor agradável de qualquer Água de Colónia, a chita, o pé descalço, as calças fundilhadas e os casacos remendados, as unhas sujas e os dedos cobertos de calos, o cheiro simpático de um suor honesto e honrado. A miséria exterior comove-nos; a interior enoja-nos.

E o rés-do-chão do Casino não é mais que uma parada vergonhosa de imoralidades. Razão tinha uma das principais figuras da nossa literatura contemporânea quando, num dos seus volumes, após relatar as impressões que lhe ficaram de uma noite de casino, disse: «Puros, ali, os infelizes periquitos que, à entrada da porta, numas vitrinas laterais, sonhavam com a grandeza das selvas de onde a nossa mão suja os roubou.»

Porque não temos ressentimento

D. Marcos I, o Coiso

Se não tivéssemos receio de sermos processados por plágio, transcreveríamos os dois primeiros parágrafos de «A Nossa Sociedade», da «Defesa de Espinho» de 26 de Agosto, tendo previamente o cuidado de fazer substituir as palavras «A Voz dos Ridículos» por estas: — «O Marcos Portugal». Além do risco de sermos considerados plagiadores sofreríamos também o desgosto profundo de perder a cotação brilhante que disfrutamos de «gigantes», «génios», «deuses do Olimpo», «senhores catedráticos», amabilidades com que se digna mimosar-nos o nosso impagável amigo Marcos. Seria o descrédito, a vergonha eterna, a integração numa sociedade estúpida de «coisos», a vassalagem ao suserano D. Marcos I, o Coiso.

Mas nós somos super-sábios. Descobrimos, além do segredo da bomba atómica, disfarçada em bomba de S. João, a pedra filosofal, sonho absorvente dos medievos. Quem o não creia que verifique se o «cérebro agudo» do D. Marcos foi ou não reduzido às dimensões miniaturais de um cérebrozinho de rato. A vítima é quem confessa.

Porém não é só esta confissão a que nos fornece o nosso famigerado Marcos. Comprovando que a sua voz não chega aos ceus, reconhece lealmente que o comentário literário escrito para o Sarau da Misericórdia tinha «deficiências, passos inoportunos». Ora bolas! Se a crítica foi justa, porque não a aceitou este potentado de uma monarquia de néscios? Crítica não é sinónimo de calúnia ou insulto. Crítica justa aceita-se e acata-se. O reconhecimento da justiça de uma crítica implica o respeito por quem a fez e não a revolta soez e estúpida contra o seu autor. Melhor é calar-se o atingido pela crítica do que reagir, dispartando.

Mas o Marcos, porque tem um cérebrozinho de rato minúsculo, não entende assim. E' lá com ele. O que Sua Alteza pode desde já ficar a saber é que, porque não estamos, felizmente, a gozar três meses de férias, não podemos estar a perder tempo com tão ruim defunto, pelo que o deixamos prosseguir nas suas aventuras quixotescas de adolescente traquina. Mesmo, há assuntos muito mais importantes para abordar do que as imbecilidades deste monarca de «robertos».

mentos de qualquer ordem para com as empresas proprietárias dos cinemas locais nem lhes devemos favores, a consciência ficamos descansada e satisfeita com este reparo de boa fé que entendemos fazer.

BONECADA ANIMADA

Continuado da pág. 4

Jean Negulesco fez aquela fitinha? Gosto pessoal? Ordem do produtor? O primeiro caso parece-me pouco provável (apesar de que em «Humoresque» há qualquer coisa como uma paixão artística). Quanto ao segundo, a ser autêntico, poder-se-ia perguntar também se a responsabilidade do sucesso de «Belinda» não será do produtor. E assim Jean Negulesco passaria a ser um hábil artífice, mas nada mais; uma espécie de «criado para todo o serviço» desde que lhe pagassem e lhe dessem um cenário.

Onde descobrir uma unidade de estilo em «Belinda» e «Rua Proibida»?

Um interessante artigo de Karel Reisz sobre a influência do produtor em Hollywood e que põe de novo o problema da criação artística no filme — se é que esse problema já foi definitivamente posto e resolvido, e se é que não comporta mais que uma solução — sugeriu-me as últimas considerações que fiz.

Diz em certa altura Karel Reisz que «qualquer crítica ao filme americano médio não pode ser francamente dirigida ao director, excepto se diz respeito a questões puramente técnicas. E mesmo nestas a experiência mostra que o produtor pode ser parcialmente responsável».

Reisz ilustra o artigo com nomes e exemplos sobejamente nossos conhecidos para se saber que é assim: Jules Dassin, Milestone, Siodmak, Hal B. Wallis, Louis de Rochemont, etc.

Isto dá pano para muita manga, mas vou ficar por aqui.

De França:

«La Marie du Port» de Marcel Carné.

«Un homme marche la ville», de Marcello Pagliero. (este foi um dos actores de «Roma, Cidade Aberta»).

«Dieu a besoin des hommes», de Jean Dellannoy.

De Itália:

«Il Cammin della Speranza», de Pietro Gerni.

«S. Francesco», de Rossellini.

«Il Miracolo a Milano», de Vittorio de Sica.

Antologia:

Abandonados os sapatos, o chapéu de coco e a bengala do velho monte de trapos cujo olhar de cão perseguido costumava amolecer nossos corações, Chaplin entrou deliberadamente num mundo que é mais perigoso por ser mais próximo daquele em que realmente vivemos. (...) Assim, abandonando uma fórmula que lhe dava perfeita segurança e recebendo em cheio as críticas da sociedade em que ele próprio vive, coisa perigosa como poucas, o autor eleva nosso ofício à altura das grandes expressões clássicas da mente humana e reforça nossa esperança de o encarar mais e mais como uma arte.

(De Jean Renoir, a propósito de «Monsieur Verdoux», de Chaplin).

Manuel Guedes Guimarães

Colégio de S. Luís

CURSO GERAL E COMPLEMENTAR DOS LICEUS
E ADMISSÃO ÀS UNIVERSIDADES • INSTRUÇÃO
PRIMÁRIA E CURSO COMERCIAL

Telefone 60 • ESPINHO • Apartado 8

CAFÉ LUGIL

Completamente remodelado e
ampleado com novas instalações

Os desportistas apreciam
UM BOM CAFÉ no...

CAFÉ GIL

AVENIDA OITO * ESPINHO * RUA 19-TEL. 306

CEREAIS — MERCEARIAS
Armazenistas

AZEITES
Armazenistas e Exportadores

Cadinho & Couto

RUA DEZOITO * ESPINHO * TELEFONE 52

AMINA

BAR - RESTAURANTE

DE Ribeiro & Figueiredo, L.^{da}
RUA 19 N.º 200 — ESPINHO

ABERTO TODA A NOITE

ARMAZÉM DE VÍVERES E SABOARIA ATLANTICA

DUARTE & C.^a

SECÇÕES DE VENDA A PÚBLICO:

(MERCEARIA PORTO)
Largo dos Aviadores, 104
Telefone 3771-GAIA

445, R. Bandeira Coelho, 451
Telefone 16
ESPINHO



CASA SOUSA

LIVRARIA E PAPELARIA

J. MOREIRA DE SOUSA JÚNIOR

RUA DEZANOVE * TELF. 99 * ESPINHO

F E R R O E A Ç O

A. Trindade, Sue.

Depositário da

LUSALITE

CAIXA POSTAL 4 • ESPINHO • TELEFONE 39

METALÚRGICA DE ESPINHO

JOSÉ MARTINS ALVES JUNIOR

MONTAGEM E REPARAÇÃO DE AUTOMÓVEIS ||| CONSTRUÇÃO E REPARAÇÃO DE TODAS AS MÁQUINAS

OFICINAS E GARAGEM-RUAS 37 • 22-ESPINHO-TELEFONE 338

Colégio de N.º S.ª da Conceição

PARA MENINAS

INTERNAS, SEMI-INTERNAS E EXTERNAS

TELEFONE 303 ~ ESPINHO

VINHOS DE PASTO

U.V.A. U.V.A. U.V.A. U.V.A. U.V.A.

FABRICA DE VINAGRE E AGUARDENTE VÍNICA
PORTO + GAIA + RÉGUA + ESPINHO + TORRES VEDRAS

SOUSA & IRMÃO

RESERVAM ESTE ESPAÇO PARA QUANDO PRECISAREM DE PROPAGANDA

FARINHAS • CEREAIS • MERCEARIAS

Baptista & Oliveiras

APARTADO 5 • TELEFONE 21 • ESPINHO

ELECTRICIDADE • MÁQUINAS

A. VIZEU & C.^a, L.^{da}

RUA 12 N.º 1243 ~ ESPINHO

FÁBRICA DE LOUÇA E TODOS OS ARTIGOS DE ALUMÍNIO

A VIGOROSA

UMA MARCA QUE É UMA GARANTIA

DOMINGOS SOARES PEREIRA

APARTADO 14 ~ ESPINHO

LANIFÍCIOS * GABARDINES * CAMISARIA * CALÇADO

CASA XABREGAS

CARLOS JERÓNIMO FERNANDES PEREIRA

Ruas 18-687 • ESPINHO • Telf. 222

FATOS PRONTOS A VESTIR * FACILIDADES DE PAGAMENTO

SOLCRIS

...É UM ESTORE

NASCENTE

Colaboração Escolar

AMOR CAMPESTRE

Conto por BALTAZAR VALDEMIRO PEREIRA RIBEIRO

(Continuado do número anterior)

Muitos dias haviam decorrido já sem que Filipe, fiel à sua promessa, procurasse encontrar-se com Dora. Esta, porém, passara a andar triste e perdera aquela vivacidade tão característica. O rosado das faces desaparecera dando lugar à palidez e grandes olheiras tornaram mais escuros os seus olhos tão belos.

A rapariga notara que Filipe procurava evitá-la; daí a sua apatia e o seu desgosto. Ela que sempre considerara o rapaz sob o aspecto de amigo e julgara tributar-lhe um afecto de irmão, agora que deixara de o ver, de ouvir a sua voz grave e quente, sentia apertados no coração. Reconhecia agora que também amava Filipe e era tão forte esse sentimento que, ela sempre tão refletida em todos os seus actos, sentia tentações de procurar o rapaz e dizer-lhe o estado do seu coração, salvando assim a sua felicidade ameaçada por uma questão de orgulho.

O pai de Dora a quem não passara despercebida esta mudança no carácter de sua filha, perguntara-lhe:

— Que se passa contigo rapariga? Andas com cara de entêrro.

Dora dissera que nada tinha, mas o velhote, obstinado, declarara que ia mandar chamar o clínico da aldeia.

Com efeito, veio o médico. Era um homem de cara bonacheirona, nado na aldeia e nela muito querido e respeitado, mercê da sua bondade e dos seus altos conhecimentos clínicos.

Depois de observar a rapariga declarou, piscando o olho, que ela não tinha mal de maior; talvez apenas alguma paixoneta própria da idade.

A noite estava tépida. Nem a mais leve brisa agitava as folhas das árvores e a lua, muito grande, espalhava sobre a terra uma luz pálida e suave.

Na aldeia, por volta das nove horas, começou a ouvir-se, vindo do largo do Cruzeiro, um batuque ritmado. Esse bater foi a pouco e pouco engrossando com a chegada de nova gente que vinha fazer serão, espadelando o linho. Este trabalho geralmente feito pelas raparigas era para elas, quase um divertimento.

Sentadas em improvisados bancos elas tinham na sua frente um cortiço, sobre o qual batiam fortemente o linho por meio dum espadela. Um espaço vazio entre cada seradeira era destinado aos namorados. Estes chegam embuçados em negras capas e dirigem-se às suas conversadas.

Como nos demais anos, Dora viera também prestar o seu auxílio naquele trabalho comum; porém, ao contrário do das outras raparigas, o lugar a seu lado encontrava-se vazio.

Era esse o motivo porque a sua cabeça tão bela pendia tristemente para o chão. O estado de espírito em que se encontrava não permitia dissimular o seu desgosto. O facto de Filipe não vir à espadelada, fora um rude golpe dado no seu amor e no seu orgulho. No entanto, uma centelha de esperança luzia ainda no seu coração. Embuçados retardatários chegavam de vez em quando e Dora procurava descobrir debaixo do negro dos capotes a figura do seu amado. Já o serão ia a meio quando um embuçado se apresentou. A seu lado um cão saltitava e Dora compreendeu que o desconhecido não poderia ser outro senão Filipe. Para o confirmar ali estava «Lobo» o fiel companheiro do rapaz.

O coração desoprimiu-se-lhe e uma grande felicidade a invadiu. O rapaz porém não se movia e parecia fortemente admirado sen-

do preciso ela dar-lhe, por brincadeira, uma valente espadelada para o chamar à realidade. Arrancado assim tão rudemente à contemplação daquele quadro encantador, Filipe sentou-se no espaço vago ao lado de Dora e deu-lhe alegremente as boas noites como se aquele incidente tivesse varrido para longe os seus rancores.

A rapariga retribuiu-lhe a saudação dizendo:

— Boa noite Filipe; por onde tens andado que ninguém te vê? A mim mesma tenho perguntado se não terias morrido ou alvorado para essa cidade onde estiveste.

— Como vês não morri nem fui para parte alguma, visto que estou junto de ti.

— Mas não quererás dizer-me então o que tens feito e qual a causa do teu desaparecimento?

— Andei procurando curar-me duma terrível doença, mas não o consegui visto que estou de novo junto de ti.

— Mas que relação pode haver entre o facto de estares aqui e a tua doença?

— É que essa doença a que me refiro e que tem sido o centro de todos os meus desgostos é o louco amor que te dedico e que durante tanto tempo procurei combater, fugindo de ver a tua imagem e remetendo-me à solidão. Todas as tentativas foram vãs porque esse amor que te venho oferecer se tornou ainda mais puro e mais forte.

O rosto de Dora tornou-se escarlate ao ouvir aquelas palavras que derramavam no seu coração um bálsamo consolador.

Como Filipe esperasse resposta, numa incerteza dolorosa, que se espelhava no rosto, ela só pudera balbuciar muito comovida:

— Filipe. Este apoderara-se das mãos de Dora e premira-as convulsivamente ao mesmo tempo que murmurava baixinho protestos de amor imenso e de felicidade que os esperava.

Filipe não vagueava como d'antes pelos campos. Agora que tinha um ideal, que se sabia amado por Dora, ele passara a dirigir pessoalmente os seus haveres que até aí andavam pelas mãos dos caseiros.

Logo que a velha casa de seus pais foi renovada e tornada mais confortável, Filipe pediu a mão de Dora.

O velhote não opôs objecções e desta maneira Filipe e Dora ficaram noivos.

Durante os meses de noivado o rapaz foi todas as noites conversar com Dora a casa desta. Durante parte do Verão e do Outono, os dois namorados trocaram as suas impressões, num pequeno quintal perto de casa, contemplados indistretamente pelo luar e escutando o crieri dos grilos.

Veio porém o inverno e com ele a chuva, o frio, o vento e o lugar das conversas mudou para junto da lareira.

Aí, num ambiente familiar, os dois apaixonados discutiam e architectavam plano para a sua futura vida em comum.

O dia em que Filipe e Dora foram ao altar para, abençoados por Deus, fundarem um novo lar, surgiu festivo. Era um lindo dia de primavera e por toda a parte a natureza vestira as suas mais ricas galas como para participar na alegria dos dois apaixonados que nesse dia uniram os seus destinos, numa indestrutível comunhão de almas.

E' assim duma simplicidade infantil o amor no campo. Nada de arroubos romanescos. Tudo segue pelo trilho normal da vida.

Nem por isso, contudo, nos humildes lares abençoados por Deus, deixa de reinar a felicidade.

MARES VIVAS

Continuado da pág. 1

em dois títulos, nas páginas centrais dum jornal diário de grande repercussão, que a aspiração máxima de Espinho é a estrada marginal de ligação com o Porto, deturpa a verdade e prejudica um povo. Não exageremos. As pessoas que sigam atentas a vida desta terra, ao lerem a reportagem do Diário Popular, não poderão evitar o sorriso. Afinal, os espinhenses não sabem o que querem. Falam dum Pequeno Porto de Pesca, da mudança das linhas da C. P., como aspirações maiores, mas um jornal dos grandes diz o contrário. Depois desta observação, o juízo não poderá ser dos melhores.

E tudo por culpa dum senhor jornalista apressado que não soube informar-se devidamente e faz do improvisado a norma dum trabalho que exige a maior adaptação ao meio que há-de servir as reportagens futuras. As aldrabices, saídas da precipitação, não servem do melhor modo o jornal e, muito menos, as terras interessadas.

Espinho quer a ligação marginal com o Porto, mas não se pode esquecer que luta, há anos, pelas duas aspirações máximas — A mudança das linhas da C. P. e o seu Pequeno Porto de Pesca.

Fique a lição para o senhor jornalista apressado e... incapaz.

Capitaine Fracasse é o autor das crónicas — Postais de Espinho, — publicadas no Diário do Norte. E' inegável o seu interesse pelas coisas desta praia. E, sendo assim, são de louvar as linhas publicadas naquele jornal, desde que elas não caiam na mentira facciosa ou numa visão errada das realidades.

A'cerca da inauguração do Cinema do Casino, fomos surpreendidos com estas afirmações:

«...O Teatrinho é um delicioso complemento da obra de Armando Crespo.

...Espinho tem, por isso, obrigação de lhe ficar agradecido. Ficar?

A pergunta é daquelas que nunca têm resposta. Às vezes, uma terra é responsável pelas atitudes de meia dúzia — aquela meia dúzia de impertinentes que se inopinam por dez reis de desatenção e nunca agradecem o caríssimo preço de uma obra de

FRISOS CAMILIANOS

Continuado da pág. 5

lances mais graves? A humanidade a chorar e um estílo a a cobrir a toada do chão com o tilintar do barrete! E' triste, mas necessário isto ao regimento da sociedade...

O esqueleto, pág. 104

O homem sozinho pode ter muito de que alegrar-se; mas não alegra os milhares de infelizes que gemem, e a gemer se vão despedaçando...

Estrélas propícias, pág. 202

Pela cópia ALBERTO PINTO

interesse comum.

Porém, Armando Crespo deve estar habituado aos zuns-zuns da ingratidão ou da inveja...

Ora... senhor Capitaine, diante tamanhas patacoadas e tão grande fracasso, não podemos ficar indiferentes.

Certos de que se conhecem as obrigações da Empresa do Jogo para com Espinho, impostas pela lei, ficamos arrepiados com as afirmações do senhor Fracasse.

Fala-se da obra de interesse comum de Armando Crespo, como se tudo o que se tem feito de maior valor não obedeça às exigências legais. E naquela palavra — obra — parece estar um mundo de realizações dum espírito altruísta!

Dizer que Espinho tem a obrigação de ficar agradecido é o cúmulo e quase chega a ser insulto.

Espinho não agradece. Espinho exige o cumprimento da lei e espera ainda o Parque de Jogos a que tem direito. Aqui está a resposta à sua pergunta, senhor Capitaine fracassado.

Quanto aos zuns-zuns da ingratidão ou da inveja não são mais do que as queixas isoladas e fracas daqueles que sentem verdadeiramente os interesses da terra e têm repulsa pelos salamalesques diante os charutos e o ciuro fácil.

Senhor Capitaine Fracasse, quer pela mentira facciosa, quer pela visão errada, tem que baixar de posto. Soldado raso, com os olhos mais abertos e a cabeça mais limpa, é o melhor que podemos desejar-lhe.

A. G.

Venezuela

Continuado da pág. 8

limas, porcelanas, pratos, e outros. Mas, para isso torna-se — é evidente — necessário fazer a propaganda dos nossos produtos, propaganda essa que deve ser feita principalmente pelos próprios industriais e comerciantes, pois que estes só tem a lucrar com isso. Em prova desta afirmação, está a exposição de pratos portuguesas, recentemente realizada em Caracas, enviadas para esse fim pelo Grémio dos Ourives e Joalheiros, e levada a efeito sob o alto patrocínio de sua Ex.^a o Sr. Ministro de Portugal em Venezuela Ex.^{mo} Sr. Dr. António Alves. Do êxito de tal exposição, podem falar além das pessoas que a organizaram, todos os portugueses ali residentes que tiveram a satisfação de ver altamente apreciado um produto da sua terra, até então desconhecido em Venezuela.

Quanto a produtos portugueses não seria possível, à semelhança do que sucedeu com as pratos, mostrar em Venezuela, provando assim que Portugal não era só o país tradicionalmente exportador de cortiças, vinhos e conservas, afirmando-se com capacidade industrial para competir em certos produtos com outras nações exportadoras?

Artur Pereira Bártolo

MÓVEIS E DECORAÇÕES

A. BARBOSA DA FONSECA & F.^o

FUNDADA EM 1839

PORTO

SEDE: R. FERREIRA BORGES, 29 - TEL. 22002

Nunca mais!

A memória de Adélia Martins

Passam por mim alegres raparigas
A caminho da praia, ébrias de sol.
O mar espera-as, e compõe cantigas
Alisando o areial como um lençol.

Passam em grupos, suaves como as aves
Migradoras, e eu vendo-as a passar,
— Gentis madonas de perfis suaves! —
Sinto uma estranha fome de chorar! ...

E' que em nenhum dos grupos das que passam
Vejo passar a que passava outr'ora...
— Asas quebradas que jámais esvoaçam!
— Rosa em botão que nunca mais enflora!

Essa não passa mais para ninguém,
Não mais inflama as almas dos poetas,
Porque, dorme, sem sonhos, muito além,
Num leito de jasmims e de violetas! ...

Essa não passa mais... não mais anima
As ruas que a adoravam como escravas,
Onde ela era, em relevo, uma obra-prima,
Um ramalhete de magnólias bravas!

O' lindas raparigas que passais,
Eu vos bendigo pela vossa graça,
Pelos sonhos de amor que despertais,
— Fonte da vida que eternisa a raça!

Eu vos bendigo, ó lindas virgens de hoje!...
Mães de amanhã, que vos bendiga o céu
E os anjos façam vossos euvovais! ...
— Mas deixai, nesta hora, que eu me roje
Saudosamente aos pés da que morreu...
Daquela que não passa nunca mais! ...

Setembro de 1951

Pedro Manoel

VENEZUELA

Venezuela, República da América do Sul situada na costa do mar de Caribe, limitada a este e sul pelo Brasil e Guiana Inglesa e a oeste pela Columbia, cujo nome significa «Pequena Veneza» e é a modificação do nome de Veneza, originariamente dado por Alonso de Ojeda, em 1499, a um povo indígena, situado no Golfo de Maracaibo a que ele chamou «Golfo De Veneza». Em 1550, este território passou a ser denominado «Capitania Geral De Caracas» e permaneceu debaixo do poder espanhol até ao século XIX. Em 1810, houve um levantamento contra os espanhóis, e em 5 de Julho de 1811, a Independência foi proclamada, seguindo-se uma guerra intensa, até que a 30 de Março de 1845 a independência da República de Venezuela foi reconhecida pelo tratado de Madrid. Contudo, já em 1921, com a derrota dos espanhóis na batalha de Carabobo, o domínio de Espanha tinha praticamente terminado e, nesta data, a Venezuela uniu-se com o estado de Colum-

bia que então abraçava a Columbia e o Equador, união essa pouco duradoura, pois os Venezuelanos eram na sua maioria contrários à Confederação e, em 1929, uma agitação popular levou o General Paez a decretar a dissolução da Confederação, declarando a Venezuela soberana e independente.

Deste modo, surgiu na América do Sul um novo país — a Venezuela.

País que para nós não pode ser indiferente, pois nele existe hoje uma colónia de aproximadamente 15.000 portugueses que ali exercem as mais variadas profissões e alguns dos quais ocupam já lugar de destaque, tanto no Comércio como na Indústria. Torna-se portanto necessário estabelecer um intercâmbio cultural e económico entre os dois países, para uma melhor compreensão dos respectivos povos, intercâmbio com o qual muito teríamos a lucrar, quer sob o ponto de vista cultural quer sob o ponto de vista económico.

Tenho verificado da parte de



GRILO MAZENZE

POR
Neves e Sousa

Mazenze era um grilo louro com ideias aristocráticas. Havia até quem dissesse que tinha anel de braço. Não era, portanto, um grilo qualquer desses de fraque preto e colete amarelo. Mazenze usava casaca cinzenta de esmerado corte e as suas antenas andavam sempre enceradas a capricho. Era senhor de teres e haveres e além de um buraco com todos os requisitos do conforto moderno — quarto de banho e água encanada — tinha uma fazenda por sua conta e só comia do melhor que havia. Chegado a uma idade e a uma posição social em que um grilo pode à vontade constituir família, Mazenze sentiu-se inclinado para o casamento e começou a procurar entre as suas relações quem pudesse servir-lhe de amparo pelo resto da vida e ajudá-lo a usufruir dos grossos cabedais acumulados em longos anos de trabalho honesto e perseverante. Suas atenções acabaram por fixar-se na mais nova das filhas do senhor Louva a Deus. Não é que pessoalmente gostasse do Senhor Louva a Deus nem da senhora e mais meninos, pois sempre detestara pessoas excessivamente religiosas, mas a menina Louva a Deus mais nova encantava-o porque... porque... porque tinha uns lindos olhos, sua cintura era esbelta como o pé de uma taça e, além disso, o vestido verde ia-lhe a matar. Por fim

Mazenze sentiu-se realmente apaixonado que até remoqueou e coisa teve remate quando do pedido oficial feito pelo senhor Louva a Deus, pessoa indicada para estas coisas por ser muito dado a medidas e bem trajado como ele só. Papá Louva a Deus ficou encantadíssimo bem como o resto da família. Só a noiva se refugiou num enleado silêncio, levando que foi à conta de timidez. Menina Louva a Deus, porém, chegou à noite e da janela combinou com Leohuma, o gafanhoto cigano e migrador, moreno, todo ele olhos e boas falas, sonhador e misterioso. Na noite seguinte fugiu com o seu amor. Provou assim, ser uma dodivanas, pois trocou o conforto de um lar pelas andanças da vida boémia dum gafanhoto sem eira nem beira.

Fugir com Leohuma, esse pe-lintra! Mazenze sofreu um rude golpe no seu amor e mais ainda no seu orgulho, e a sua cabeça passou a regular bastante mal. Agora só anda de noite e de repente sai-se no meio da escuridão com uns trilos ácidos, de ferida mal curada, que arrebiam. E com as suas tenazes corta os brotos tenros do café que pela cor e feitio lhe lembram o vestido verde escuro da menina Louva a Deus. E pela manhã o chá vermelho aparece juncado de pequenas Louva a Deus mortas vestidas de verde.

alguns portugueses o desconhecimento completo de Venezuela e de sua gente e, contudo, Venezuela produziu, no campo do pensamento, homens como Romulo Gallegos, o extraordinário romancista de «Canaima» e «Pobre negro», um ensaísta como Arturo Uslar Pietri autor de «Uma a Outra Venezuela», revelando-se nesta obra um intelectual atento aos problemas do seu povo em particular e do povo em geral, e poetas da mais pura inquietação humana que vão desde Perez Bonalde até um Carlos Augusto Leon e Juan Liscano, passando por Andreés Eloy Blanco, o conhecido poeta Sul Americano.

Sob o ponto de vista económico, já S. Ex.ª o Snr. Eng. Araújo Correia em «Ensaio De Economia Aplicada» via a possibilidade de êxito na intensifica-

ção das permutas entre os dois países quando, claro está, convenientemente tratadas. E é fonte de dúvida que, se em 1946 o saldo negativo da nossa balança comercial foi com a Venezuela de 55.749 contos, esse saldo poderia ser muito reduzido se uma cuidadosa propaganda dos produtos portugueses for feita e, por outro lado, se for possível a realização de um acordo comercial que nos coloque em igualdade com Espanha, Estados Unidos, Bélgica, Itália, etc. que no regime aduaneiro Venezuelano, gozando da cláusula de «nação mais favorecida».

Podemos exportar não só conservas, carnes enlatadas, vinho de consumo, figos, azeites, etc. assim como também alguns produtos industriais que estou certo seriam bem recebidos tais como

Continua na página